

OS COLETORES-PESCADORES DO LITORAL SUL DE SÃO PAULO, BRASIL

Maria Cristina MINEIRO SCATAMACCHIA*

Recibido en octubre 2016; aceptado en abril de 2017

Resumo

O objetivo do artigo é fazer algumas considerações sobre a relação de grupos coletores-pescadores com o ambiente aquático do litoral sul de São Paulo e como este ecossistema possibilitou a longa permanência do grupo na região. A prática de coleta é normalmente associada a grupos pequenos e nômades, pela necessidade de mobilidade em busca de recursos. Mas, quando encontramos um ambiente com muitos recursos disponíveis como é o caso do Lagamar vamos encontrar o registro arqueológico de grupos que permaneceram por muito tempo na região, com datas que vão desde 8400 BP até 1960 BP. Estes grupos deixaram como testemunho sítios arqueológicos conhecidos com o nome de Sambaqui, que em outras regiões são denominados de concheros. Estes sítios arqueológicos são compostos principalmente por carapaças de moluscos, ossos de peixes e de pequenos mamíferos. Talvez pela possibilidade de longa permanência e de previsão da obtenção de recursos, situação nem sempre possível na prática de coleta, estes grupos conseguiram desenvolver traços culturais que vão além de grupos nômades coletores.

Resumen

Los recolectores-pescadores del litoral sur de São Paulo, Brasil

El objetivo de este artículo es realizar algunas consideraciones sobre la relación entre los grupos recolectores-pescadores y el medio acuático del

* Profa. Dra. do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Bolsista do CNPq.

litoral sur de Sao Paulo, y cómo este ecosistema posibilitó una prolongada permanencia de estos grupos en la región. Las prácticas de recolección están normalmente, asociadas a grupos nómadas de reducido tamaño, debido a la necesidad de movilidad por la búsqueda de recursos. Con todo, al situarnos en un medio ambiente con abundantes recursos disponibles como es el caso de Lagamar, nos encontraremos con un registro arqueológico de larga presencia de estos grupos en la región: los fechados abarcan desde el 8400AP hasta el 1960AP. Estos grupos dejaron como testimonio los sitios arqueológicos conocidos como “Sambaqui”, que en otras regiones son denominados concheros. Este tipo de sitio arqueológico está compuesto, eminentemente, por restos de moluscos, de pescado y huesos de pequeños mamíferos. Quizás por la oportunidad de una larga permanencia y la previsibilidad en la obtención de recursos, así como la imposibilidad de desarrollar constantemente prácticas recolectoras, estos grupos consiguieron desarrollar rasgos culturales más allá de los grupos recolectores.

Abstract

The Fisher-Gatherers of São Paulo's South Coast, Brazil

This article makes a few observations on the relationship of fisher-gathering groups with the aquatic environment of the south coast of São Paulo and how this ecosystem has enabled the long stay these groups in the region. The practice of gathering is usually associated with small nomadic groups, given the need for mobility in search of resources. But when we find an environment with many resources available, such as the Lagamar area, we find the archaeological record of groups that remained for a long time in the region, with dates ranging from 8400 BP until 1960 BP. These groups have left archaeological sites are known as Sambaqui, which in other regions are called concheros or shell middens. These archaeological sites are composed primarily of mollusk shells, fish bones and small mammal remains. Maybe the possibility of extended occupations and predictable resources, circumstances that are not always possible in practice for gatherers, allowed these groups to develop cultural traits that go beyond those of nomadic gatherers.

Résumé

Les pêcheurs-cueilleurs de la côte sud de São Paulo, Brésil

Nous partageons quelques observations portants sur la relation entre des groupes de pêcheurs-cueilleurs et l'environnement aquatique de la côte sud de São Paulo et la façon par laquelle cet écosystème a permis l'établissement de ces groupes à long terme dans la région. La cueillette est

normalement associée avec des petits groupes nomades étant donné la mobilité nécessaire à la recherche des ressources. Cependant, lorsque confronté avec un environnement offrant une multitude de ressources, tel la région de Lagamar, nous trouvons le registre archéologique de groupes qui y sont demeurés pendant très longtemps avec des datations s'étalant de 8400 BP jusqu'à 1960 BP. Ces groupes ont laissé des sites archéologiques appelés Sambaqui qui ailleurs s'appellent concheros ou amas coquilliers. Ces sites sont composés principalement de coquilles de mollusques et d'os de poissons et de petits mammifères. Peut-être la possibilité de séjours prolongés et de ressources prévisibles, des circonstances qui ne sont pas toujours possibles pour des groupes dépendant de la cueillette, ont permis à ces groupes de développer des traits culturels qui ont dépassé ceux de cueilleurs nomades.

Introdução

O objetivo do artigo é fazer algumas considerações sobre a relação de grupos coletores-pescadores com o ambiente aquático do litoral sul de São Paulo e como este ecossistema possibilitou a longa permanência do grupo na região. A prática de coleta é normalmente associada a grupos pequenos e nômades, pela necessidade de mobilidade em busca de recursos. Mas, quando encontramos um ambiente com muitos recursos disponíveis como é o caso do Lagamar vamos encontrar o registro arqueológico de grupos que permaneceram por muito tempo na região, com datas que vão desde 8400 BP até 1960 BP.

O litoral sul de São Paulo é uma região composta de imensos recursos hídricos e florestais, possuindo atualmente a maior porção de Mata Atlântica do Estado de São Paulo. Esta região abriga um grande número de Unidades de Conservação, o que garantiu não apenas a preservação do ambiente como também dos registros arqueológicos, que sofreram uma destruição menor em comparação ao litoral norte e central.

A Serra do Mar que desde o norte do estado margeia a costa quando se aproxima do sul ela se afasta nas proximidades do maciço serrano de Iguape. A partir deste último ponto a Serra do Mar se afasta da linha da costa formando um grande arco que delimita o que hoje conhecemos como a planície formada pelo Vale do rio Ribeira. Antes que as restingas estivessem formadas o mar penetrava toda a região atingindo na principal transgressão holocênica o sopé da Serra do Mar. Deste modo, morros e maciços costeiros atuais estiveram ilhados nos fins do Pleistoceno e nos meados do Holoceno.¹

O processo de formação complexo do litoral sul resultou na consolidação de três gerações de restingas intercaladas por longas lagunas e mares interiores. É importante levar em conta este cenário que abrigou as diversas etapas de ocupação da região e orientou o padrão de ocupação e as intervenções do homem na paisagem. Este processo tem como principal eixo o rio Ribeira, que no Estado de São Paulo é a única via fluvial que liga o planalto ao litoral.

A bacia do rio Ribeira apresenta compartimentações topográficas bem distintas. Uma caracterização geral da área possibilita uma melhor compreensão do seu processo de povoamento e a relação com os registros arqueológicos remanescentes.

O rio Ribeira de Iguape nasce no planalto do Paraná indo desaguar no litoral sul do estado de São Paulo, próximo à cidade de Iguape, constituindo o principal coletor dos rios que descem a serra de Paranapiacaba e seus contrafortes. Segundo a natureza de seus terrenos, o vale do Ribeira pode

¹ Este fato foi identificado por Ricardo Krone que no início do século xx publicou um mapa relacionando a distribuição dos sambaquis na região à variação do nível do mar.

ser dividido grosso modo em duas zonas: a primeira de terrenos antigos, estendendo-se das suas cabeceiras até a Barra de Juquiá, e a segunda, constituída por terrenos recentes, baixos e úmidos, entre a Barra do Juquiá e o litoral. Esta última é que está sendo considerada na relação dos grupos coletores-pescadores com o ambiente aquático.

A zona costeira do Vale do Ribeira possui uma paisagem complexa denominada de *região lagunar-estuarina de Iguape-Cananéia-Paranaguá*, que está localizada na fronteira entre os Estados de São Paulo e Paraná, com 5.800 km². Esta região também tem sido como conhecida como Lagamar, termo conceituado como:

Esse termo, utilizado desde épocas bem remotas para designar “depressões no fundo do mar e de rios”, “lagoas de água salgada”, ou também “baías e golfos formando um porto vasto, mais ou menos abrigado”, dá bem ideia da paisagem diversificada daquela região costeira onde ainda podem ser encontrados ambientes preservados e uma cultura tradicional que merece ser valorizada (Magalhães, s.d.:10).

Conforme o já definido anteriormente este território caracteriza-se por apresentar os contrafortes da Serra do Mar recuados, com extensas planícies costeiras ocupando o Baixo Vale do Ribeira. Estas planícies formam a região de maior sedimentação costeira cenozóica no estado de São Paulo (Martin, Sugio e Flexor, 1987).

Sintetizando o processo de formação da região do litoral sul podemos dizer que há milhões de anos a Serra do Mar, que é formada pelas rochas mais velhas e resistentes do continente, sofreu um soerguimento, provocando o fragmento do escudo cristalino em dois grandes blocos falhados. O primeiro localiza-se na parte norte do estado, até as proximidades de Santos, onde se verifica penhascos próximos ao mar, e o segundo bloco se caracteriza pelo afastamento da Serra em relação ao mar, dando lugar a grande planície já mencionada. Blocos menores, resultantes deste grande falhamento, encontram-se espalhados pela planície, e outros, dentro do mar, formaram as ilhas como a do Cardoso.

Para entender a distribuição dos sítios arqueológicos na região é importante lembrar que o mar nesta parte do litoral, há cerca de 5.000 anos, avançava vários quilômetros em direção ao interior, atingindo o sopé da Serra do Mar. A atual planície era um imenso mar raso. Mas à medida que certas acomodações foram ocorrendo na crosta, o nível do mar ia descendo até chegar ao nível atual.²

Neste cenário vamos encontrar um contraste de águas rasas e abrigadas e o mar aberto. No interior do estuário a água doce dos rios se mistura com a salgada do mar, criando condições especiais para o desenvolvimento de

² A presença de sítios arqueológicos de grupos coletores-pescadores encontrados há mais de 30 km da atual linha da costa são testemunhos desta situação.

variadas espécies, o que faz com que a região seja considerada um dos maiores criadouros de espécies marinhas.

Trata-se, portanto de uma região propensa a abrigar grupos coletores-pescadores que teriam grande facilidade para a aquisição de recursos alimentares.

A existência de grandes extensões de mangues facilita a coleta de uma grande variedade de espécies que vão estar disponíveis ao longo do ano.

Os grupos de coletores que ocuparam a região estavam bem adaptados ao ambiente e exploraram os abundantes recursos disponíveis pelos diferentes ecossistemas, a Mata Atlântica, a Floresta de Restinga, o Mangue, os recursos fluviais e marítimos.

Esquemas mostrando a disponibilidade de alimento nos manguezais e nas praias exemplificam o quadro regional e explicam a longa permanência destes grupos. Eles devem ter sido afastados pela chegada das sociedades tribais de filiação linguística tupi-guarani e não pela necessidade de alteração de seu modo de vida.

Esta descrição detalhada do ambiente é necessária para a construção do cenário da atuação dos grupos coletores-pescadores que foram os primeiros habitantes do litoral sul de São Paulo e que deixaram como testemunho da sua ocupação os sítios arqueológicos conhecidos como Sambaquis. A compreensão da natureza deste cenário é que permite entender a longa permanência na região de grupos coletores que tradicionalmente são caracterizados como pequenos grupos nômades.

A abundância, o conhecimento dos recursos e a perfeita adaptação ao ambiente reduziu a necessidade constante de deslocamento que é uma característica de grupos coletores. No caso dos grupos que habitaram a região podemos acrescentar o domínio do transporte aquático que possibilitou a exploração da área composta pela complexa rede aquática formada pelo rio Ribeira e afluentes, pelos canais marítimos que integram o Mar Pequeno e pelo Oceano Atlântico.

O registro arqueológico deixado

Os grupos coletores-pescadores são os habitantes mais antigos identificados até o momento no litoral paulista, que deixaram o registro material da sua presença na forma de um tipo de sítio arqueológico, conhecido com o nome de *Sambaqui*. A palavra sambaqui, em tupi, significa monte de conchas, porque são as conchas que servem a primeira vista para identificar este sítio arqueológico. O nome do sítio foi dado pelos grupos de filiação linguística Tupi-guarani que quando chegaram ao litoral já encontraram estas estruturas, embora os seus habitantes já tivessem abandonado a região.³

³ Não possuímos documentação que indique o motivo do abandono, provavelmente a chegada dos grupos de agricultores Tupi-guarani pode ter afastado para o interior estes primeiros povoadores do litoral.



Figura 1. Mapa da região mencionada e sua relação no Estado de São Paulo e no Brasil.

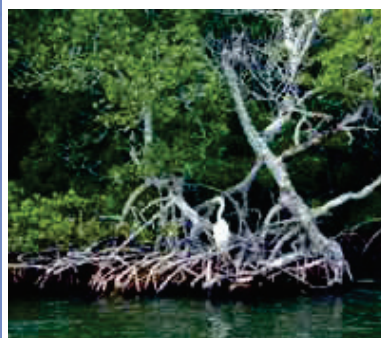
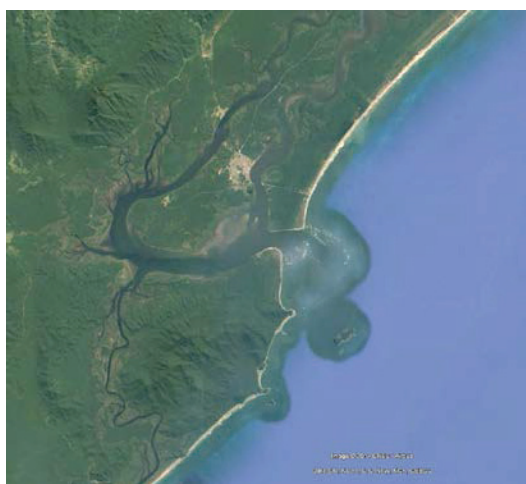


Figura 2. Detalhe do complexo aquático.

Este tipo de sítio arqueológico é muito visível na paisagem, tendo sido descrito pelos primeiros europeus que visitaram a região e se depararam com esta estrutura, que durante muito tempo foi explorada para a utilização das conchas, tanto para a pavimentação como para a sua transformação em cal. Esta prática vem de longa data tendo sido mencionada nas principais crônicas do século XVI. A prática de utilização do material dos sambaquis é descrita, entre outros, por Fernão Cardim:

Os índios naturaes antigamente vinhão ao mar as ostras, e tomavão tantas que deixavam serras de cascas e os miolos levavão de moquém para comerem entre anno; sobre estas serras pelo discurso do tempo se fizerão grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portugueses descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo, e destas cascas fazem cal, e de hum só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços do Governador, e outros edificios, e ainda não he exgotado... (1980:59).

Podemos mencionar, também como exemplo, a menção feita na Historia do Brasil, de Frei Vicente de Salvador:

Faz-se também muita cal, assim de pedra do mar como da terra, e das cascas de ostras que o gentio antigamente comia e se acham hoje montes delas cobertos de arvoredos, donde se tira e se coze engradada entre madeira com muita facilidade (1982:75).

Estas mesmas observações são feitas por Frei Gaspar Madre de Deus em relação à São Vicente mais de um século depois:

Tanta é a antiguidade destas Ostreiras (assim lhe chamam na Capitania de S.Paulo), que a umidade pelo decurso dos tempos veio a dissolver as conchas de algumas delas, reduzindo-as a uma branda massa, a qual, petrificando-se pouco a pouco com o calor, formou pedras tão sólidas que é necessário quebrá-las com marrões ou lavancas, antes de as conduzirem para os fornos onde as resolvem em cal. Destas conchas dos mariscos que comeram os índios, se tem feito toda a cal dos edificios desta Capitania, desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabaram as Ostreiras de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéia.

Na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas e nalgumas acham-se machados (o dos índios eram de seixo muito rijo) pedaços de painelas quebradas e ossos de defuntos; pois que, se algum índio morria ao tempo da pescaria, servia-lhe de cemitério a Ostreira, na qual depositavam o cadáver e depois o cobriam de conchas (1975:45).

Se a destruição destes sítios foi feita de maneira lenta nos últimos cinco séculos, ela foi muito rápida em tempos mais recentes, com o emprego de máquinas que conseguem em poucas horas remover enormes áreas. Este processo de destruição foi acelerado pela exploração imobiliária e

construção de obras de infraestrutura, que ignoraram a presença destes registros principalmente em decorrência da ignorância do seu valor cultural e o seu significado como documento.⁴

Como os Sambaquis são sítios arqueológicos com grande visibilidade na paisagem eles foram identificados pelos primeiros naturalistas e estudiosos que percorreram a região, sendo que a sua distribuição espacial está presente em mapas feitos por Lofgren (1893) de todo o litoral paulista e por Krone (1914) da região litorânea do Vale do Ribeira.⁵ Este último pesquisador percebeu que a distribuição dos sítios arqueológicos tinha acompanhado a variação do nível do mar e fez um mapa que depois teve a sua hipótese confirmada com pesquisas recentes e com datações, mostrando que os sítios mais antigos estavam afastados da atual linha do mar e os mais recentes localizados na costa atual.

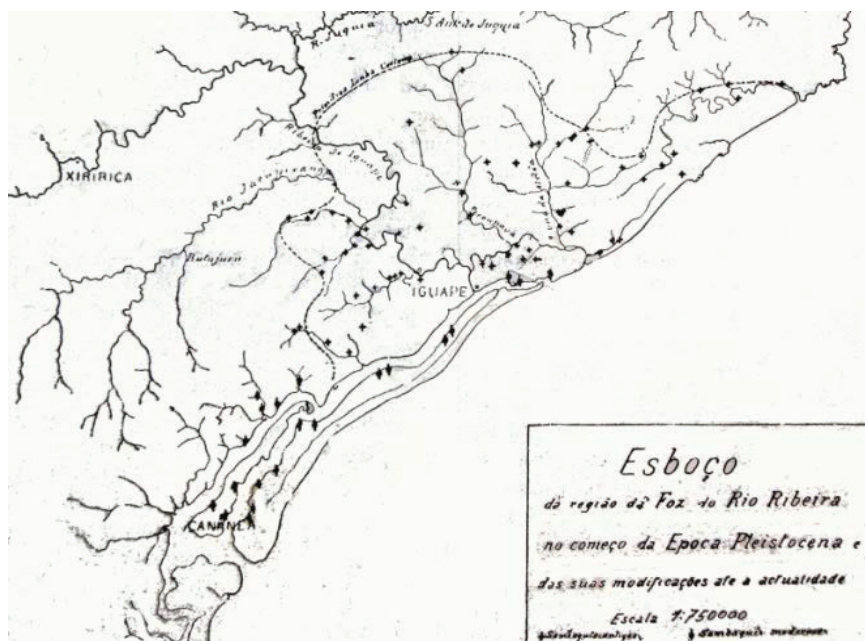


Figura 3. Mapa elaborado por Ricardo Krone sobre os sambaquis do Vale do Ribeira, publicado em 1914.

⁴ Neste sentido o trabalho desenvolvido pelo pesquisador Paulo Duarte foi fundamental para a conservação dos sítios e a partir da sua ação foi elaborada a primeira legislação de proteção para este tipo de sítio arqueológico, na década de 1950, que teve o papel pioneiro do Estado de São Paulo.

⁵ Importante mencionar que a pesquisa sobre este tipo de sítio foi adiada pela discussão inicial sobre a sua origem artificial ou natural.

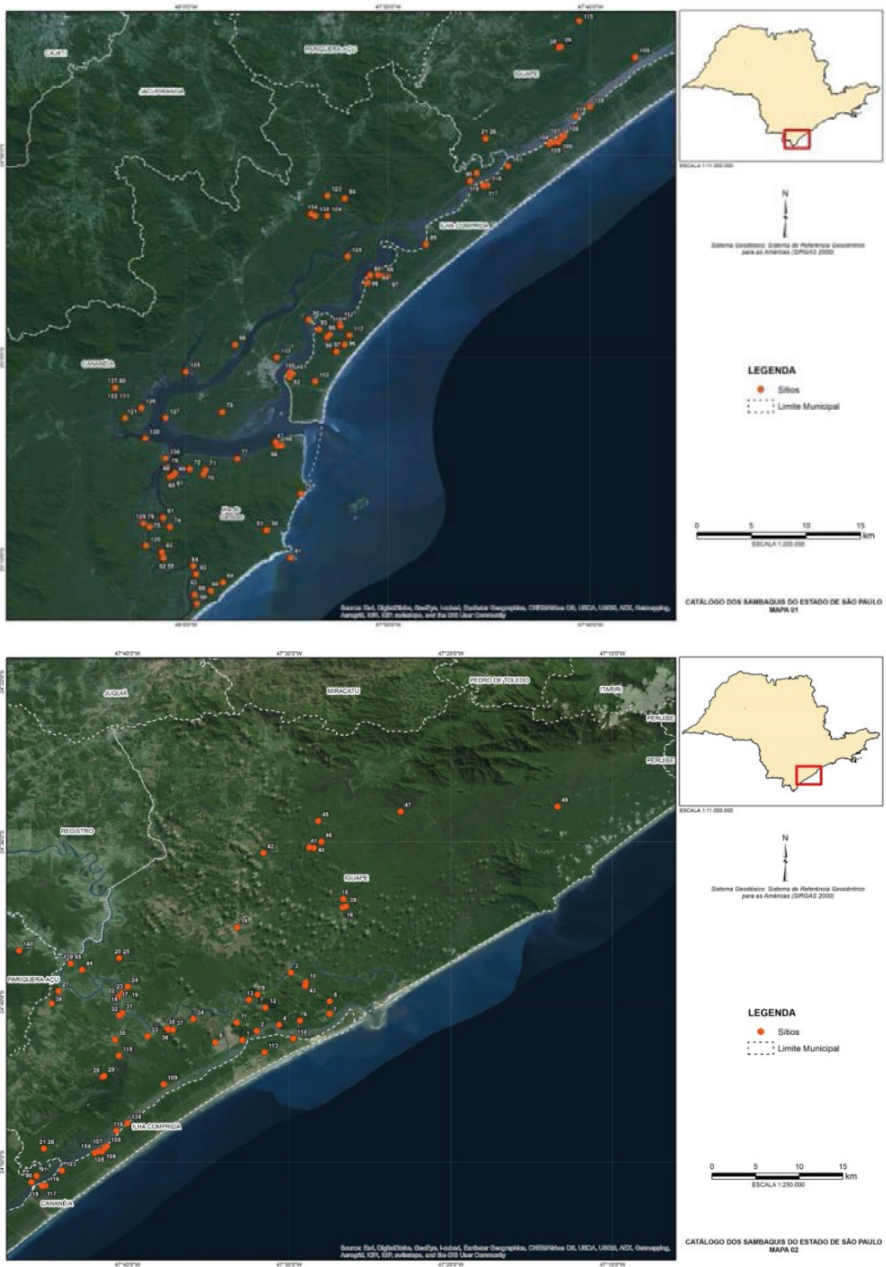


Figura 4. Mapas elaborados por Bonetti (2015) com a distribuição dos sambaquis no litoral sul paulista.

As mais antigas informações sistemáticas para a região são decorrentes das pesquisas realizadas na região no âmbito da Comissão Geológica e Geográfica do Estado de São Paulo realizada no início do século XX e publicada em 1914.

Depois de uma lacuna no tempo a pesquisa na região foi retomada na década de 1970 por Uchôa e Garcia (1979, 1983). Estes dois pesquisadores fizeram um levantamento sistemático dos sambaquis e do estado de conservação destes registros, realizando as primeiras datações.

O Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira, realizado sob a nossa coordenação deu sequência e atualizou a situação destes sítios na região com as pesquisas realizadas por Bonetti (1997, 2004) e Calippo (2004, 2010) que retomaram as pesquisas anteriores agregando novos dados e interpretações.

Esta situação foi retomada mais recentemente por Bonetti (2015)⁶ com um levantamento de todos os sambaquis localizados no litoral paulista, confirmando a diferença percentual da ocorrência destes sítios na região. A identificação da grande concentração de registros no litoral sul pode ser vista nos mapas a seguir, onde foram identificados 204 sítios.

A distribuição destes sítios na paisagem permite a identificação do padrão de assentamento dos grupos de coletores-pescadores que atuaram na região. Como já mencionamos, o registro arqueológico mostra que a ocupação na região acompanhou a variação do nível do mar e os sítios estão localizados próximos aos manguezais e vias fluviais, mas fora dos terrenos alagados, sendo que muitos deles foram construídos sobre uma base rochosa.

A prática de coleta foi o primeiro modo de vida dos grupos humanos baseada na captação de recursos, sob a forma de pesca e caça, da coleta de mariscos e de produtos vegetais selvagens. O ambiente aquático oferece muitas possibilidades de recursos, com grande variedade de espécies e facilidade de coleta situação procurada pelos grupos coletores. A quantidade e a natureza dos recursos disponíveis no ambiente foram os fatores decisivos na escolha do local para o estabelecimento dos grupos e estes fatores são os que determinaram o período de permanência, regulando o grau de sedentarização das sociedades de coletores-pescadores.

As áreas lagunares são consideradas como uma fonte perene de alimento e uma fonte segura de abastecimento. A grande disponibilidade de recursos na região comentada proporcionou uma mudança da visão tradicional acerca dos grupos coletores-pescadores do litoral sul paulista, exatamente pela possibilidade da longa permanência nas áreas, situação que foge ao padrão tradicional de pequenos bandos nômades.

⁶ Programa de pós-doc, MAE-USP, Catálogo dos sambaquis do litoral do estado de São Paulo. Fase I: inventário, catalogação e mapeamento dos sítios arqueológicos por Charles Bonetti, São Paulo, 2015.

O registro material deixado por estes grupos mostra a presença de vestígios que indicam uma ampla exploração do meio ambiente para coleta de recursos e de matéria prima. A distribuição na paisagem dos sítios no Baixo Vale do Ribeira indica a possibilidade de mobilidade com algum tipo de embarcação.

Pudemos identificar padrões diferentes de deposição de material gerando morfologias diferentes dos sítios arqueológicos, que estamos classificando da seguinte maneira:

- colinar, que corresponde à descrição clássica do sambaqui, com base redonda ou elíptica, com alturas variadas.
- horizontal, deposição com grande comprimento, pouca largura e pouca altura.
- área plana, com pouca altura, denotando ocupação passageira, acampamento.

Além destes tipos morfológicos foram identificados vestígios de grupos coletores-pescadores localizados sob abrigo. Estes casos são raros e não correspondem a um padrão constante do grupo.

A inserção deste tipo de sítio na paisagem e a construção de uma estrutura feita com os restos faunísticos é um fato cultural e deve ter tido um aspecto simbólico e estratégico como demarcador territorial, sendo a sua construção intencional e não acidental. Provavelmente as diferenças morfológicas em decorrência da forma de deposição são resultantes das atividades de grupos com hábitos diferentes ou então as estruturas construídas poderiam ter tido uma diferente função dentro do território.

É difícil definir o propósito destes grupos culturais na construção dos sambaquis, assim como a sua função. Mas várias hipóteses podem ser formuladas e algumas colocações podem ser inferidas a partir do conhecimento já adquirido. Com certeza o local do acúmulo era um lugar preferencial, talvez um marco sazonal ou para muitos pesquisadores um marco territorial. Entretanto, não possuímos dados sobre a interação destes lugares com os outros pontos de ocupação destes mesmos grupos.

Os estudos da cultura material realizados até agora não permitem uma diferenciação clara dos seus produtores. Quanto muito, a presença recorrente de elementos da cultura material semelhante em sítios arqueológicos distantes. Com exceção da presença de zoólitos, que está restrita ao litoral sul de São Paulo, não existem outros artefatos que indiquem uma diferenciação regional ou cultural.⁷

⁷ A presença deste tipo de artefato é mais constante nos sítios localizados nos estados da região sul do país.



Figura 5. Exemplo da estrutura de alguns Sambaquis na região.

De acordo com Tenório (2004:1976):

No que se parte do princípio de que teria existido uma “cultura samabaqueira” muito antiga formada por grupos marítimos, caracterizados por possuírem um profundo conhecimento de técnicas necessárias à exploração do meio aquático marinho. Esta suposição está apoiada nas similaridades observadas na cultura material, no padrão de assentamento, no fato observado por Gaspar (1991) sobre a constância do hábito de enterrar os mortos em locais que se destacam na paisagem e na ausência de sítios de transição que reunissem elementos de interior e do litoral.

Modo de vida

Sintetizando os dados existentes os grupos construtores do sambaquis viveram na região enfocada entre 2 a 10 mil anos atrás.⁸ Viviam basicamente da coleta e pesca e menos da caça, que vinha em segundo plano em decorrência dos instrumentos associados a estes grupos, que não inclui artefatos de arremesso potentes. Os mamíferos maiores deveriam ter sido capturados com armadilhas. A presença de ossos de baleia pode ser explicada pela frequência com que este cetáceo encalhava nas praias.

Inclusive sobre a coleta de moluscos, a atividade de pesca parece ter tido uma papel mais importante do que parece a primeira vista na análise do conteúdo faunístico destes sítios. De acordo com Figuti (1999:201):

Pesquisas recentes indicam que, apesar da grande quantidade de conchas encontradas nesses sítios, é provável ter sido a pesca a principal fonte de alimentação do grupo, e não a coleta de bivalves. Por que? Para ilustrar a razão tomemos dois tipos de lixo, ou de restos, deixados por esses dois alimentos: moluscos bivalves e peixes. Quanto de uma ostra é consumido e quanto é jogado fora? Quanto de um peixe é consumido e quanto é descartado? Do peso bruto de uma ostra teremos consumido menos de 20%, o restante é concha. De um peixe ocorre o inverso, consumimos mais de 70% de seu peso bruto. Resultado ao final da refeição: um monte de conchas e algumas espinhas.

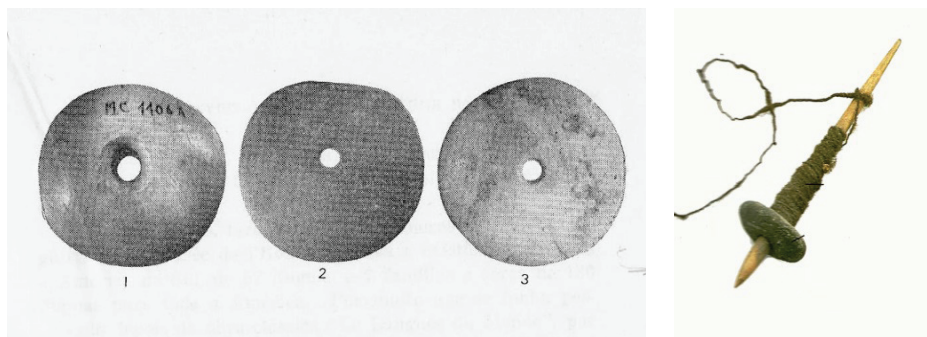


Figura 6. Exemplo de tortuais encontrados.

⁸ Foram realizadas várias datações que confirmam a distribuição dos sítios acompanhando a variação do nível do mar. Elas não são mencionados aqui para não fugir ao objetivo central do artigo de dar uma visão geral da relação dos grupos coletores-pescadores com o ambiente aquático do litoral sul de São Paulo.



Figura 7. Exemplo de adornos.



Figura 8. Figuras de pedra polida, conhecidas como zoólitos.

Os instrumentos mais numerosos são de pedra e em menor proporção em osso e dentes. Estes últimos com perfuração que eram utilizados como adornos. A maior parte dos artefatos é de pedra lascada, compostos por lascas, furadores, raspadores e laminas de machado. São artefatos típicos relacionados à atividades cotidianas de subsistência.

Estes grupos ignoravam a fabricação cerâmica, a agricultura e a domesticação. Realmente eles não conheciam a agricultura, no sentido de

domesticar e cultivar plantas, mas utilizavam a processavam vegetação silvestre, fato atestado pela presença de moedores, assim como o uso de fibras para a fiação, porque em muitos sambaquis são encontrados tortuais, tanto de pedra quanto de osso.

Ainda no âmbito do Programa Arqueológico do Baixo Vale do Ribeira foram realizadas pesquisas nos sambaquis submersos utilizando as técnicas da arqueologia subaquática (Calippo, 2004, 2010). Os dados resultantes da pesquisa lançaram alguma luz sobre a cronologia e movimentação destes grupos, assim como a sua heterogeneidade, comprovada pela diversificação dos registros arqueológicos. A principal mudança de visão se refere a consideração destes grupos como sociedades marítimas e não como bandos nômades coletores, principalmente no que se refere à situação identificada no litoral sul paulista em decorrências das condições ambientais já mencionadas, que proporcionaram esta modificação na organização do modo de vida.

Villagrán (2013:143-144) analisando as pesquisas existentes sobre o tema menciona que:

Essas informações permitem definir os grupos sambaquieiros como culturas marítimas, como estabelecido por Calippo (2010) a partir das propostas de Muckelroy (1978), Adams (2002) e Diegues (2004). A relação dos sambaquieiros com as fontes de recursos aquáticos (mar, lagunas, estuários) iria além da exploração dos seus componentes bióticos para subsistência do grupo. A exploração dos ambientes litorâneos comportaria uma visão específica do mundo, desenvolvida a partir do vínculo e da “apropriação” não exclusivamente econômica, mas também política, social e simbólica do meio físico e suas particularidades.

Sobre o aspecto conceitual, houve uma grande mudança sobre a visão deste tipo de sítio, se as primeiras observações consideravam que ele seria “o lixo alimentar”, hoje se reconhece que eles são muito mais do que isto. Eles estão sendo considerados como monumentos construídos com intencionalidade de serem vistos na paisagem com uma função que até o momento ainda não está clara. Se em alguns foi possível identificar claramente uma função funerária, esta não pode ser estendida para todas as estruturas já identificadas. Algumas, de grande dimensão possuem poucas evidências de cultura material, como se os vestígios faunísticos tivessem apenas o papel de marcar o local.

Importante mencionar que nas pesquisas mais recentes existe uma modificação de como estão sendo percebidos estes construtores de sambaquis. A sua representação está sendo transformada. Eles não são mais percebidos como um bando nômade em busca constante de alimentos. Na região mencionada houve a possibilidade de ter previsão dos recursos alimentares e podemos considerar que estas comunidades estavam em um

processo de complexificação, cumulativa, semi-sedentários, sem entretanto ter modificado a estrutura da sua organização social.

As primeiras pesquisas sobre os sambaquis tinham como hipótese de trabalho que os construtores dos sambaquis pertenciam a uma única filiação cultural.⁹ Mas, esta não é a opinião de todos os pesquisadores que trabalham com o tema. Por exemplo, Lima (1999-2000) não acredita que a população construtora dos sambaquis faça parte de um único sistema cultural. Portanto, existe ainda a necessidade de muita pesquisa e correlação de dados para inferir a filiação cultural dos construtores deste tipo de sítio, assim como o entendimento das rotas de penetração destes grupos no litoral. Outra mudança de enfoque merece ser citado, que é o objeto de estudo de unidades isoladas passar a ser de conjuntos de sítios, dentro de uma abordagem regional.

Repensando os grupos construtores dos Sambaquis

Sintetizando, os vestígios arqueológicos deixados pelos grupos coletores-pescadores na região são os sítios arqueológicos conhecidos como sambaquis, sendo uma área de grande concentração deste tipo de vestígio. São montículos construídos artificialmente de material faunístico que no litoral paulista adquiriu basicamente dois tipos de morfologias. Uma de forma colinar que representa o padrão típico deste tipo de sítio arqueológico, e outra de deposição horizontal, alongada e de menor altura. A maior concentração deste tipo de sítio ocorre no litoral sul.

Estes sítios possuem uma estratigrafia complexa e a análise do processo de formação tem que ser particular para cada sítio, ainda não é possível fazer uma consideração genérica para toda a região. Algumas considerações podem ser feitas com relação ao tipo de composição faunística e a quantidade de material cultural presente. Um perfil nestes sítios mostra a presença de marcas indicativas de áreas de atividades, fogueiras e sepultamentos.

As discussões mais recentes e a análise da ocupação destes grupos em regiões com grande disponibilidade de recursos mostram que a relação mecânica de modo de vida de coleta não pode ser associado mecanicamente a bandos nômades. A avaliação tem que ser a cada caso levando em conta as características ambientais.

No caso do litoral sul de São Paulo os registros deixados e as datações feitas mostram a longa permanência destes grupos e sua interação com o meio ambiente.

⁹ Esta tese é defendida atualmente por Gaspar e Tenório com relação aos habitantes do litoral centro-sul-brasileiro (2004).

As amostras para a datação foram retiradas da base e do topo dos sítios e os resultados indicam na sua maioria um espaço de tempo em torno de 500 anos. Entretanto, ainda não possuímos uma rede de datações que possibilitem a construção da dinâmica de deslocamento destes grupos na região, embora algumas hipóteses já começam a ser formuladas.

Os dados na região mostram que estas sociedades devem ser entendidas com tendo uma organização social mais complexa do que de simples bandos nômades. A longa permanência na região em virtude da disponibilidade de recursos possibilitou o desenvolvimento de estratégias eficazes e para a construção destes grandes monumentos. A função do sambaqui ainda está na base da hipótese, de estrutura funerária, marco territorial ou de ocupação multifuncional. Ou poderiam ser diversificados para atender a diferentes funções.

Calippo (2010) estudando os sítios da região apresenta a hipótese dos povos construtores de sambaquis serem compreendidos como comunidades marítimas para as quais a relação com os ambientes aquáticos tem uma complexidade além da subsistência. O autor se baseia no fato de estarem presentes elementos materiais presentes nos sambaquis da região, que indicam a percepção do ambiente marítimo.

Não podemos falar de uma unidade cultural em função das diferenças na deposição espacial e do longo período de ocupação.

A nova perspectiva para a pesquisa deste tipo de sítio parte do princípio de grupos semi-sedentários que conseguiram conquistar e se adaptar a um ambiente que possibilitou a programação da coleta, garantindo a estabilidade e a possibilidade de mudança no âmbito da organização social.

Bibliografia

Adams, J.

2002 "Maritime Archaeology" in Orser, C.E. (ed.), *Encyclopedia of Historical Archaeology*, Routledge, London, pp. 328-330.

Barreto, C.

1988 *A ocupação pré-colonial do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do médio curso*, Dissertação de mestrado, FFCHL, USP, São Paulo.

Bonetti, Charles

1997 *Análise do padrão de assentamento dos grupos coletores-pescadores do Baixo Vale do Ribeira: levantamento dos sítios arqueológicos*, Dissertação de Mestrado, MAE-USP, São Paulo.

- 2004 “Análise dos grupos coletores-pescadores do Baixo Vale do Ribeira através da reconstituição da paleo-linha costeira: uma arqueologia da paisagem litorânea”, Tese de Doutorado, MAE-USP, São Paulo.
- 2014 “O sambaqui na visão dos cronistas”, *Coletânea, Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Ano XIII, no. 26, Rio de Janeiro, pp. 240-261.
- Calippo, F.R.
- 2004 “Os sambaquis submersos da Ilha do Cardoso”, Dissertação de Mestrado, MAE-USP.
- 2010 “Sociedades sambaqueiras: sociedades marítimas”, Tese de Doutorado, MAE-USP.
- Cardim, Fernão
- 1980 *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1980.
- De Blasis, P.; Kneip, A.; Scheel-Ybert, R.; Giannini, P.C.; Gaspar, M.D.
- 2007 “Sambaquis e Paisagem. Dinâmica natural e arqueologia no litoral sul do Brasil”, *Arqueologia Suramericana/Arqueologia Sul-Americana*, no. 3, pp. 20-28.
- Figuti, Levy
- 1999 “Economia/alimentação na pré-história do litoral de São Paulo”, in Tenorio, M.C., *Pré-História da Terra Brasilis*, Editora UFRJ, Rio de Janeiro, pp. 198-203.
- Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente
- 1989 *A região Lagunar-Estuarina de Iguape-Cananéia-Paranaguá*, Programa de Educação Ambiental, São Paulo.
- Krone, Ricardo
- 1914 *Informações Ethnográficas do Ribeira de Iguape*, Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo, São Paulo, pp. 23-54.
- Lima, T.A. e Mazz, J.M.L.
- 1997 “La emergencia de complejidad entre los cazadores-recolectores de la Costa Atlántica Meridional Sudamericana”, *Revista de Arqueología Americana*, núms. 17, 18, 19, IPGH, México, pp. 129-176.
- Lofgren, Alberto
- 1893 *Os sambaquis de São Paulo*, Boletim da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo.
- Madre de Deus, Frei Gaspar da, 1715-1800
- 1975 *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente*, Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP.
- Magalhães, Nícia Wendel de-
- s.d. *Descubra o Lagamar*, SOS Mata Atlantica, EMBRATUR.

Martin, L.; Suguio, K. & Flexor, J.M.

1987 “Flutuações do nível relativo do mar no quaternário e seu papel na sedimentação costeira: exemplos brasileiros”, Simpósio sobre Ecossistemas da Costa Sul e Sudeste Brasileira: síntese dos conhecimentos, Cananéia, 1987, Academia de Ciências do Estado de São Paulo, vol. 1, pp. 40-61.

Salvador, Frei Vicente do

1982 *História do Brasil (1500-1627)*, Ed. Itatiaia, Belo Horizonte, EDUSP, São Paulo.

Tenório, M.C.

2004 “Identidade cultural e origem dos sambaquis”, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 14, São Paulo, pp. 169-178.

Villgran, X.S.

2013 “O que sabemos dos grupos construtores de sambaquis? Breve revisão da arqueologia da costa sudeste do Brasil dos primeiros sambaquis até a chegada da cerâmica Jê”, *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, no. 23, São Paulo, pp.139-154.

Uchôa, D.P. e Garcia, C. del Rio

1979 “Resultados preliminares do projeto de pesquisas arqueológicas no baixo curso do rio Ribeira (Cananéia-Iguape), litoral sul de São Paulo, Brasil”, *Revista de Pré-História*, vol. I, no. 1, pp. 91-113.

Uchôa, D.P. e Garcia, C. del Rio

1983 “Cadastramento dos sítios arqueológicos da baixada Cananéia-Iguape, litoral sul do Estado de São Paulo”, *Revista de Arqueologia*, 1, Belem, pp. 19-29.